LINHA DE PRODUÇÃO

EMBRAPA

A farinha do bagaço do caju possui excelente teor de fibras

Salgadinhos de bagaço de caju

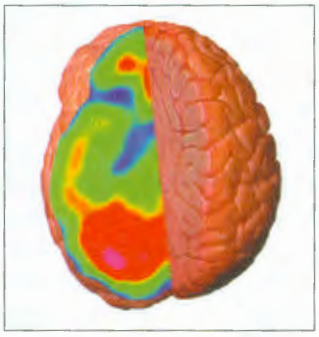
Crocantes, apetitosos e, principalmente, saudáveis. São essas as características alimentares dos salgadinhos tipo *snack* ou *chips* produzidos com bagaço de caju e quirera de arroz pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). A empresa desenvolveu técnicas que aproveitam esses dois subprodutos, muitas vezes descartados pela indústria, para transformá-los em alimentos apreciáveis e baratos. Somente a indústria de suco de caju descarta um milhão de toneladas de bagaço por ano, a maior parte nos Estados do Ceará e do Rio Grande do Norte. O arroz quebrado, quando não descartado, é utilizado na ração animal e na indústria de cerveja. Segundo o processo agroindustrial desenvolvido pela Embrapa, tanto o bagaço como a quirera são transformados em farinha e utilizados em receitas caseiras ou industriais para a produção, também, de pães, biscoitos e bolos. A farinha de bagaço de caju, que possui maior porcentagem de fibras que suas similares, apresentou também bons resultados em receitas preparadas ainda com farinha de trigo. O desenvolvimento dos produtos foi realizado por duas unidades da empresa, a Embrapa Agroindústria de Alimentos, do Rio de Janeiro, e a Embrapa Agroindústria Tropical, de Fortaleza. Elas oferecem consultoria e suporte técnico aos interessados neste novo agronegócio. •

Requeijão brasileiro nos Estados Unidos

Os americanos e os brasileiros que moram nos Estados Unidos vão poder, em breve, se deliciar com o requeijão cremoso, um produto comum no Brasil, mas inexistente naquele país. A empresa Lacta Dairy, instalada na cidade de Houston, no estado do Texas, firmou um convênio com a Universidade Federal de Viçosa (UFV) para montar uma linha de produção onde, além do requeijão, serão fabricados, doce de leite, queijo minas frescal, queijo minas curado e pão de queijo. Fabricante de queijos do tipo cheddar e monterrey, a Lacta quer atingir a comunidade brasileira que, em grande número, vive, principalmente, no vizinho estado da Flórida. O professor Mauro Mansur Furtado, do Departamento de Tecnologia de Alimentos da UFV e coordenador do convênio iniciado em maio deste ano, diz que grande parte dos equipamentos que estão sendo comprados pela Lacta é de indústrias brasileiras. A empresa Biasinox, por exemplo, situada na cidade de Lambari, em Minas Gerais, está exportando máquinas para fabricar requeijão, produto também inédito no mercado americano. Outras empresas são a Metal Rogek, de Diadema, em São Paulo, e a Stephan Geiger, de São José dos Pinhais, no Paraná. •

Flúor-18 garante uso de tomógrafo

O Instituto de Engenharia Nuclear (IEN), do Rio de Janeiro, adquiriu um novo acelerador de partículas do tipo ciclotron capaz de produzir o radiofármaco Flúor-18, substância essencial para a produção de imagens de alta qualidade dos tomógrafos por emissão de pósitrons (PET). Essa tecnologia permite detectar doenças com mais antecedência, como o câncer, e melhorar a visualização de outros órgãos do corpo humano. No sistema PET, o flúor é injetado no paciente e distribui-se pelo organismo ligando-se às moléculas de glicose. "No câncer, por ser um tecido com metabolismo alterado, a glicose fica concentrada naquele local por menor que seja o tumor", explica Sérgio Cabral, superintendente do IEN. O Flúor-18, no entanto, tem meia-vida de 109 minutos, uma limitação para a expansão do tomógrafo PET. Ele precisa ficar localizado próximo a uma unidade de produção. No Brasil, esse tipo de substância só é produzido por empresas da Comissão Nacional de Energia (Cnen) como o IEN ou o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen), de São Paulo, único fabricante desse radioisótopo. Nos Estados Unidos são 96 ciclotrons. No mundo, os tomógrafos PET chegam a 400. Aqui, o único aparelho é o do Instituto do Coração (Incor), de São Paulo. Segundo José Cláudio Meneghetti, diretor do serviço de radioisótopos do Incor, o Brasil não pode ficar na dependência dos institutos governamentais que têm assegurada a produção de radioisótopos pela Constituição Federal. "Os hospitais e clínicas deveriam ter a possibilidade de possuir aparelhos chamados de mini ciclotron. Isso permitiria a expansão do tomógrafos PET e facilitaria os diagnósticos." •



IEN

PET: tomógrafo com imagem mais nítida e de alta definição